

“Maneiras diferentes de trabalhar com a verdade”: A criação visual do universo fictício no documentário *Que bom te ver viva* de Lucia Murat

Jéssica Kelly Rodrigues de Andrade Silva*

Dissertação de Mestrado.

Designação do Programa de Estudos: Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais – UFPB/UFPE.

Instituição: Universidade Federal da Paraíba.

Resumo:

A presente pesquisa teve por objetivo investigar, através da análise fílmica do longa-metragem documental *Que bom te ver viva* (1989), de Lúcia Murat, possibilidades de criação visual de um universo fictício inserido em um filme documental, através do hibridismo de características dos dois gêneros cinematográficos. *Que bom te ver viva* (1989) foi o primeiro longa-metragem da cineasta carioca que é ex-integrante da luta armada contra a ditadura militar no Brasil, cenário no qual foi duramente torturada e em que passou três anos e meio presa. Esses fatos têm grande influência em suas produções fílmicas, que costumam caminhar pelas fronteiras entre o cinema de ficção e o cinema documental. Lúcia Murat já ganhou diversos prêmios em âmbito nacional e internacional e conta com mais de onze produções de destaque em sua trajetória. Para a realização da presente pesquisa contei com os recursos oferecidos pela pesquisa bibliográfica que, no primeiro capítulo, contribuiu para uma melhor localização da biografia da cineasta. A mesma metodologia de pesquisa também foi utilizada, no segundo capítulo, para identificar características próprias aos gêneros documental e ficcional, bem como suas possibilidade de hibridismo, uma vez que é através desses recursos que a diretora lança mão para a execução de seus filmes. Já no terceiro capítulo a metodologia utilizada foi a análise fílmica, através da utilização de seus processos e recursos reconheci alguns mecanismos utilizados por Lúcia Murat para construir o universo fictício do documentário *Que bom te ver viva*. Através da pesquisa, foi possível observar que dentre as diversas possibilidades de criação visual de um universo

* E-mail: contatejessicarodrigues@gmail.com

fictício em um filme documental, no longa de 1989 o hibridismo se manifesta visualmente através da criação de uma personagem fictícia, interpretada por Irene Ravache e todos os elementos cenográficos com que ela interage.

Palavras-chave: Lúcia Murat; *Que bom te ver viva*; documentário; ficção; mulher.

Ano: 2020.

Orientador: João de Lima Gomes.